

PESQUISA EMPÍRICA EM SAÚDE

GUIA PRÁTICO PARA INICIANTES

Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica
Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva
Grupo de Pesquisa NAAM – Núcleo de Assistência ao Autocuidado da Mulher

Coordenadoras

Luiza Akiko Komura Hoga
Ana Luiza Vilela Borges

1^a Edição

São Paulo

EEUSP

2016

Capítulo 6

FENOMENOLOGIA

Raquel Terezam Fernandes

Monique Paluan Carvalho Sanchez

Luíza Akiko Komura Hoga

Introdução e breve histórico

A fenomenologia (FE) consiste numa possibilidade de compreender o ser humano. Por meio do desenvolvimento de estudos fenomenológicos é possível estudar o significado que cada indivíduo atribui a determinada coisa ou experiência, sem preconceitos ou julgamentos e acessar aquilo que primeiro surge na consciência do ser quando este pensa sobre algo, o fenômeno. O objetivo desta busca é apreender a realidade da pessoa que participa do estudo, sem que este sofra a influência das opiniões do pesquisador ou de quem quer que seja a respeito da essência do fenômeno¹.

A FE tornou-se uma corrente filosófica no século XX, na Alemanha, por meio de Edmund Husserl². A partir deste pensador, outros filósofos desenvolveram suas próprias concepções do enfoque fenomenológico³. Os mais citados nas pesquisas brasileiras de enfermagem são Maurice Merleau Ponty, Martin Heidegger e Alfred Schütz^{4,5}.

Considerando que a origem da pesquisa em enfermagem se deu no paradigma positivista, a FE surgiu como método alternativo de pesquisa e despertou interesse dos pesquisadores da área de enfermagem em razão de sua natureza qualitativa e a respectiva possibilidade de captar os aspectos subjetivos do ser humano⁵. Considera-se que para a enfermagem possa efetivar um cuidado digno, há a necessidade de ter sensibilidade e habilidades para compreender a realidade do outro e das pessoas a ser cuidadas⁶.

A FE e seus principais pressupostos

Apesar de a FE ter diferentes particularidades de acordo com cada fenomenólogo, o fato é que todas as suas vertentes buscam o significado da experiência vivida pela pessoa investigada. A FE está baseada no paradigma interpretativo e seu pressuposto central consiste na existência de uma intencionalidade da consciência, pois ela é sempre a consciência de algo^{1,7,8}. Baseia-se também nas premissas do existencialismo, referente à preocupação dos filósofos com os aspectos subjetivos do ser humano⁹.

Os significados que o homem atribui às suas atitudes cotidianas são baseados nos valores e símbolos da cultura da qual fazem parte, ou seja, no seu contexto de vida. Portanto, a FE pretende superar a dicotomia do modelo positivista, e considera o homem e o mundo à sua volta enquanto elementos constituintes de uma mesma totalidade⁷. Com base nestes pressupostos, considera-se que o ser humano possui a possibilidade de compreender melhor a si mesmo e a realidade que o cerca, e tal conscientização permite conduzir as próprias ações e a ser líder de sua vida¹⁰.

A seguir, são apresentados os principais autores, os pontos em comum, e as particularidades das diferentes vertentes da fenomenologia:

Edmund Husserl

Husserl (1859-1938) foi discípulo do filósofo Franz Brentano, que inspirou Husserl a ser lembrado como o pai da fenomenologia. Husserl tinha a motivação de desenvolver a ciência com o intuito de estudar as preocupações do homem e o que surge em sua mente^{3,11}. A linha de pensamento de Husserl partia do pressuposto de que toda pessoa é singular⁵. A FE de Husserl é considerada como descritiva ou eidética, não dedutiva, pois se dedica à descrição do fenômeno ou experiência, ao invés de tentar explicá-la³. O fenômeno, como já dito anteriormente, refere-se ao que surge da consciência, os vividos dessa consciência, "à voltar as

coisas mesmas". Trata-se de expressão que foi empregada por Husserl e se refere ao fenômeno puro tal como surge na mente, e que é construído a partir da realidade vivida por cada pessoa^{3,12}. A FE de Husserl se trata, portanto, de um método apropriado para apreender a essência do fenômeno ou "lebenswelt" o "mundo vivido", termo empregado por Husserl que se refere à experiência humana^{3,10}. De acordo com este pensador, para que se encontre a essência de algo, o fenômeno deve passar por um processo que denominou como redução fenomenológica ou "epoqué". Este consiste no marco teórico de Husserl e se refere à suspensão do que possa interferir na realidade do fenômeno, que permite que a verdade apareça³. Na redução fenomenológica são escolhidas as partes mais importantes das descrições dos fenômenos. Este trabalho é desenvolvido mediante variação imaginativa, cujo processo deve ser concluído quando a descrição esteja reduzida à essência do fenômeno¹. Para Husserl, por meio da "epoqué", é possível chegar ao ego do indivíduo, que é o foco da sua FE^{3,13}.

Martin Heidegger

Husserl e Heidegger (1889–1976) foram colegas nos tempos de estudos universitários¹¹. A FE Heideggeriana é classificada como hermenêutica ou interpretativa. O termo hermenêutica está etimologicamente relacionado ao deus grego Hermes, que trazia mensagens do Olimpo. No contexto da FE, a hermenêutica se refere à ciência da interpretação¹⁴. Heidegger foi responsável pelo passo adiante dado no existencialismo, após a FE de Husserl. Ele foi reconhecido como um dos filósofos mais importantes do século XX¹⁶.

Seu principal interesse com a FE interpretativa foi a ontologia ou o estudo do ser¹⁵. O tratado "Ser e Tempo" foi avaliado como seu trabalho de maior influência¹⁶, Heidegger tentou acessar o caráter temporal e histórico do ser humano por meio da análise fenomenológica de sua existência. Heidegger criticava a redução fenomenológica de Husserl por acreditar que ela não poderia revelar uma

consciência pura¹⁷. A FE Heideggeriana buscou uma visão do cuidado relacionada ao ser humano. O cuidado, não no sentido de objeto a ser praticado, mas no sentido de constituir a essência do ser. Assim sendo, este fenomenólogo acreditava que o ser humano não deveria ser tratado como objeto¹⁴.

Jean-Paul Sartre

O movimento fenomenológico originado na Alemanha mudou-se para a França, por meio de Jean-Paul Sartre (1905-1980). Este filósofo existencialista teve a oportunidade de estudar as filosofias de Husserl e Heidegger e foi adepto dos pensamentos de ambos em vários aspectos. Assim como Husserl, dava preferência à descrição do fenômeno, ao invés de explicá-lo¹¹. O principal trabalho desenvolvido por Sartre foi "O ser e o nada". Nesta obra, evitou a análise Heideggeriana, do ser do pensamento, e adotou a análise do ser de ação. Recusou-se também a empregar a terminologia usada por Heidegger e criou os seus próprios termos.

Em "O ser e o nada", Sartre tentou caracterizar os principais fundamentos de sua teoria existencialista. Portanto, a filosofia de Sartre consiste na filosofia da ação, e seu enfoque central incide sobre a consciência do fazer por meio da escolha. Sua vertente filosófica está relacionada ao conceito de liberdade de escolha do ser, e objetiva compreender a existência humana mediante aplicação de tal conceito¹⁸. Sartre desenvolveu também os conceitos de consciência, má-fé e autenticidade⁹. Conceitua liberdade como uma possibilidade de agir diante das preocupações que os seres humanos possuem.

Merleau-Ponty

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) foi colega de Sartre, o que reforçou o movimento fenomenológico na França. Suas teorias foram inspiradas pelos pensamentos de Husserl. A obra mais conhecida de Ponty foi "A primazia da percepção", cujo intuito foi entender como a realidade se mostra à

percepção. Merlerau-Ponty defendia a metodologia de redução e descrição do fenômeno, porém acreditava não ser possível realizar a redução fenomenológica completa¹¹.

Explorou a relação entre o homem e o mundo, possível por meio da noção que desenvolveu de corpo, corporeidade, o veículo que possibilita o ser humano experimentar o mundo¹⁹. Utilizou o termo francês "Chair", que significa carne. Carne no sentido de ser um ponto de encontro entre o corpo e o seu lado subjetivo, possibilitando a interação do homem com o mundo^{19,20}. Considerando tais relações, discutiu o conceito de liberdade e afirmava que esta nunca é total, pois apresenta restrições²⁰.

Considerava a linguagem como uma forma de expressão importante para compreender o outro, mas que nunca é feita de forma plena. As pessoas se comunicam por meio do corpo, sendo a linguagem uma extensão do pensamento. Alertou que a dificuldade em compreender a totalidade de um fenômeno mostra que há algo de particular e universal em cada ser humano, as semelhanças Ponty denominou de experiência intersubjetiva, sentir o outro através de si mesmo¹⁹.

Alfred Schütz

As peculiaridades da FE de Schutz (1899-1959) são referentes as relações sociais, evidenciadas a partir de alguns conceitos, como o "Habitus", referente a hereditariedade cultural, onde o homem age de acordo com o contexto em que vive. Para este fenomenólogo, o mundo existe antes de nossa presença nele, e nossos hábitos são repassados pela hereditariedade cultural, continuando a existir mesmo com a nossa morte²¹.

Segundo suas análises relativas à hereditariedade cultural e suas influências sobre o ser humano, considerou que uma pessoa que faz parte de um grupo, avalia determinada situação social cotidiana que acontece e faz a "ready-made" adequada para se comportar dentro desse grupo, que significa o ser humano reproduzir um

determinado comportamento social. Nesse contexto, a ação reflete a hereditariedade cultural da qual essa pessoa faz parte.

Schutz também valoriza o conceito de intersubjetividade, e o divide em níveis, são eles a estrutura fundamental do mundo, a organização de cada pessoa enquanto membro de um grupo e a compreensão dos motivos das ações de outras pessoas²².

Paul Ricoeur

O filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005)²³, conhecido como “filósofo do sentido”,^{24,25}, era cristão,^{25,26} e se inspirou nas obras da fenomenologia de Husserl e no existencialismo de seu professor, Gabriel Marcel^{23,26,27}. Ricoeur estudou o ser humano numa crítica ao positivismo²⁵ e, pautado nos princípios da fenomenologia, hermenêutica e psicanálise, produziu muitas obras a respeito de variados assuntos, dentre eles sobre a vontade humana, a interpretação, a linguagem, o simbolismo, a religião e a psicanálise²⁶.

Uma de suas principais obras foi a ‘filosofia da vontade’, por meio da qual tentou interpretar o comportamento simbólico do ser humano para compreendê-lo para além do superficial e da aparência²⁵. Em relação à hermenêutica, Ricoeur, escreveu algumas obras, dentre elas “Interpretação e ideologias”²⁵, na qual relaciona a hermenêutica com as ideias de pensadores renomados.

Em sua obra “A teoria da interpretação”²⁸, ele discorre a respeito das características e os problemas relativos à linguagem. Ricoeur também escreveu textos relacionados à hermenêutica bíblica, por exemplo, “o pecado original”²⁹, no qual atribui a maldade à liberdade de escolha que o ser humano possui. Na obra “hermenêutica bíblica”³⁰ comenta a sua relação com a bíblia, caracteriza e explica a linguagem bíblica, e relaciona a hermenêutica filosófica à hermenêutica bíblica. Em 2004, recebeu o Prêmio John W. Kluge, como reconhecimento de sua contribuição ao campo das ciências humanas²³.

O percurso metodológico

No desenvolvimento de uma pesquisa fenomenológica, a relação entre o pesquisador e o participante da pesquisa deve estar apoiada na premissa da cooperação mútua. Uma relação de confiança deve ser estabelecida entre os envolvidos, para que o(s) participante(s) da pesquisa não se sinta(m) avaliado(s). Desse modo, o pesquisador consegue adentrar na experiência vivida e no mundo dos sujeitos da pesquisa. Do pesquisador é exigido um olhar atento e acolhedor³¹.

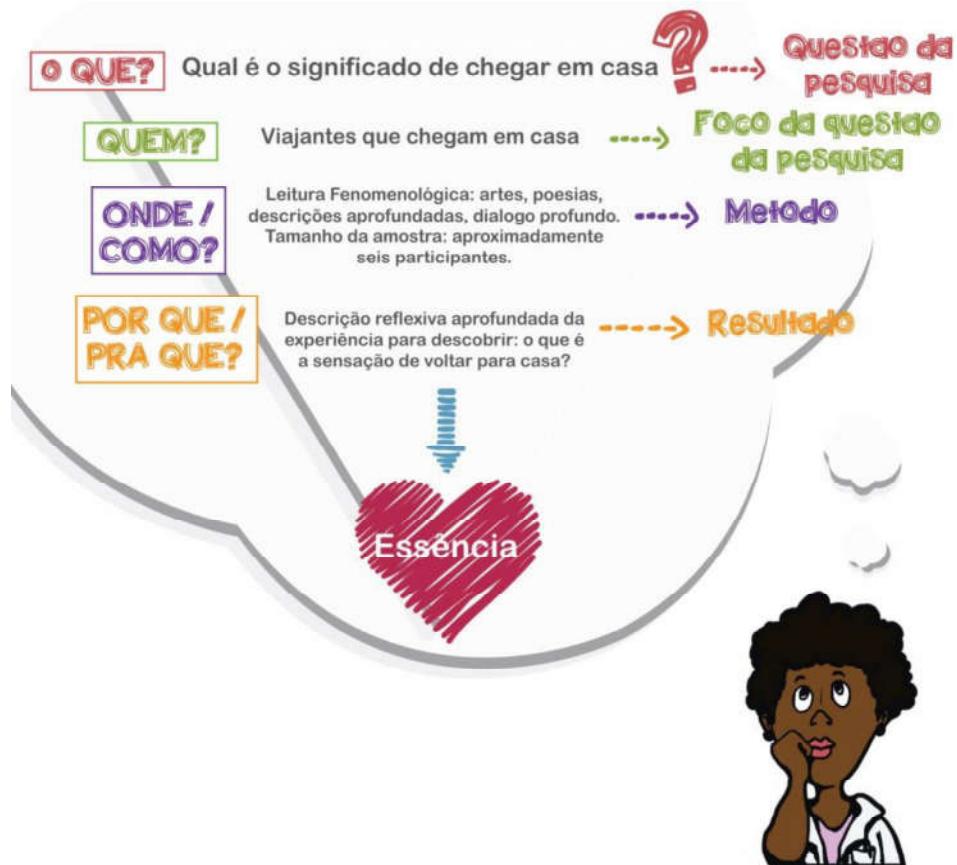


Figura 4 - percurso metodológico da pesquisa fenomenológica

Na FE o objetivo é captar o ponto de vista do participante, sem a influência ou a interferência do pesquisador, ou do seu ponto de vista ético¹¹. A figura 4 inspirada no exemplo de Morse, 1995, p.34³² ilustra o percurso metodológico da pesquisa fenomenológica:

Coleta e Análise de dados

A principal fonte de dados dessa abordagem metodológica consiste no diálogo profundo que é estabelecido entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa³¹. Em geral, o número de participantes da pesquisa é pequeno, sendo necessário, às vezes, realizar mais de uma entrevista ou diálogo, para que o pesquisador possa adentrar no mundo da pessoa. A pesquisa não surge de uma questão específica, mas sim de uma interrogação acerca de um fenômeno vivenciado pelo participante da pesquisa¹.

A análise fenomenológica acontece mediante obtenção dos significados essenciais necessários para descrever o fenômeno e desenvolver a redução fenomenológica, que formam as unidades de significados. O pesquisador utiliza o resultado desse processo, inicialmente da linguagem da pessoa que descreve o fenômeno, e posteriormente transforma em expressões próprias de discurso, que respaldam o que está sendo buscado. Finalmente, deve ser feita uma síntese das unidades de sentidos ou de significados, que são analisadas para evidenciar suas convergências, divergências e idiossincrasias¹.

Existem muitas estratégias para analisar dados de uma pesquisa fenomenológica. A estratégia adotada com frequência é a descritiva, que geralmente é dividida em quatro etapas³³:

- 1-** Realizar a "epoqué" (redução fenomenológica) - identificar e afastar tudo que possa interferir na realidade do fenômeno;
- 2-** Preservar a intuição - O pesquisador deve respeitar os significados das experiências vividas pelas pessoas pesquisadas;
- 3-** Análise (redução transcendental) – consiste na fase de descobrir a essência da essência do fenômeno. O que estava oculto pelos conceitos preconcebidos deve ser percebido.

4- Descrição do fenômeno (redução eidética) - requer descrever o fenômeno após ter compreendido a sua essência e definido seus sentidos.

A diferença prática entre a FE descritiva e a interpretativa é o fato de que não deve ser realizada a redução fenomenológica ou "epoqué" nos trechos dos depoentes da FE interpretativa. Na FE descritiva o objetivo, como o próprio nome já diz, refere-se à descrição fiel da essência do fenômeno, e a estratégia para alcançar essa descrição é a redução fenomenológica. A FE interpretativa busca compreender os significados atribuídos ao fenômeno, então a redução fenomenológica é desnecessária, pois todas as informações referentes ao fenômeno são valorizadas³³.

A fenomenologia na prática:

Reflexões sobre a sexualidade durante a vivência do climatério³⁴

Contexto: Com o objetivo de compreender a vivência da mulher no climatério realizou-se a pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica, que foi analisada e interpretada à luz do referencial teórico-filosófico de Maurice Merleau-Ponty. Os resultados colaboraram na elaboração de pressupostos de assistência, ensino e pesquisa, que contemplam a dimensão humana existencial dessas mulheres.

Metodologia: Foram obtidos sete depoimentos de mulheres entre 48 e 55 anos, que haviam apresentado a menopausa espontânea há 12 meses ou mais e que estavam vivenciando o climatério independente de escolaridade, raça ou outras variáveis que pudessem interferir sobre a vivência do climatério. As entrevistas foram feitas utilizando-se a seguinte questão norteadora: Fale-me como é para você estar vivenciando o

climatério. Os discursos se esgotaram no momento em que as pesquisadoras tiveram respondidas suas interrogações desvelando o fenômeno "ser mulher vivenciando o climatério". Para a análise dos discursos, visando desocultar o fenômeno da vivência do climáterio, foram utilizados os procedimentos de Josgriberg como pressupostos. Segundo esse fenomenólogo, tais estratégias analíticas permitem aproximar a descrição e a interpretação fenomenológica. Detectaram-se as unidades de sentido (US) nos discursos, que foram agrupadas e categorizadas para realizar a releitura a partir do referencial filosófico seguido.

Resultados: Dentre os temas que emergiram dos discursos se destacou o tema "Refletindo sobre a sexualidade" que se mostrou intimamente associado à vivência do climatério.

Referências

1. Corrêa AK. Fenomenologia: uma alternativa para pesquisa em enfermagem. Rev. Latino-am. Enfermagem, Ribeirão Preto. 1997; 5 (1), 83-88. DOI:10.1590/S0104-11691997000100010
2. Husserl E. Ideas : General Introduction to Pure Phenomenology, Translated by W. R. Boyce Gibson. London, New York: Collier, Macmillan, 1962. ISBN-13: 978-0415519038
3. Husserl E, Zilles U. A crise da humanidade européia e a filosofia. Edipucrs, 2002. ISBN: 85-7430-285-6
4. Merighi MAB, Gonçalves R, Ferreira FC. Estudo bibliométrico sobre dissertações e teses em enfermagem com abordagem fenomenológica: tendência e perspectivas. Rev. Latino-am Enfermagem, 2007; 15(4). DOI:10.1590/S0104-11692007000400019
5. Almeida IS, Crivaro ET, Salimena AMO, Souza IEO. O caminhar da enfermagem em fenomenologia: revisitando a produção acadêmica. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2009; 11(3): 695-9. ISSN: 1518-1944
6. Graças EM, Santos GF. Metodologia do cuidar em enfermagem na abordagem fenomenológica. Rev Esc Enferm USP. 2009; 43(1): 200-207. DOI:10.1590/S0080-62342009000100026
7. Silva EJ. As ciências biomédicas e as correntes de pensamento no processo saúde-doença. Anais do 1º Seminário de Sociologia da Saúde e Ecologia Humana. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 14 -16 set 2010.
8. Husserl E. Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. ISBN-10: 607024396X
9. Berbel MAF. Sartre e liberdade: uma crítica à psicanálise. Saberes Unicampo. 2014; 1(1), 293-297. ISSN: 2358-5803

10. Surdi AC, Kunz E. Fenomenologia, movimento humano e a educação física. *Movimento* (ESEF/UFRGS). 2010; 16(4): 263-290.
11. Chesnay M. *Nursing Research Using Phenomenology: Qualitative Designs and Methods in Nursing*. Springer publishing company, new york; 2015. ISBN 13 9780826126863
12. Marcellino NC, Puke N. Possibilidade de interface entre lazer e fenomenologia. *Movimento*, Porto Alegre, 2014 Jan-Mar 20(1): 307-27.
13. Martini RS. A fenomenologia e a epochê. *Trans/form/ação*. 1999; 21(1): 43-51. DOI: 10.1590/S0101-31731999000100006
14. Ayres JRCM. Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2005; 10(3), 549-560. DOI:10.1590/S1413-81232005000300013
15. Heidegger M. *Ser e tempo: Parte I*. 2005. ISBN: 853263284X
16. Korab-karpowicz WJ. *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Anglo-American University of Prague. Czech Republic.
17. Seeburger FF. Heidegger and the Phenomenological Reduction. In: *Phenomenology and Phenomenological Research*; 1975. DOI: 10.2307/2107054
18. Strathern P. *Sartre em 90 minutos*. Ed. Zahar; 2009. ISBN: 8571104999
19. Merleau-Ponty M. *Fenomenologia da percepção*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes; 2006. ISBN: 9788578271169
20. Telles TCB, Moreira VA. Lente da Fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicopatologia cultural. *Psicologia: Teoria e pesquisa*. 2014; 30(2), 205-212. DOI: 10.1590/S0102-37722014000200010
21. Espindola PM. A fenomenologia de Alfred Schutz: uma contribuição histórica. *Revista Trama Interdisciplinar*. 2012; 3 (1).
22. Schutz A. *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Zahar; 1979. ISBN: 853264306X

23. Folha de São Paulo. Filósofo francês Paul Ricoeur morre aos 92 anos. 21/05/2005. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u83959.shtml>
24. Barbosa M. O filósofo do sentido e a comunicação. Conexão-Comunicação e Cultura, 2010.
25. Jupiassu H. Apresentação in: Ricoeur P. Interpretações e ideologias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
26. Franco SG. Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur. Vol. 35. Edicoes Loyola, 1995. ISBN: 8515011115
27. Philosophy Pages. Paul Ricoeur. Britannica internet guide selection. Disponível em: <http://www.philosophypages.com/dy/r9.htm#rico>
28. Ricoeur P, Morão A. Teoria da interpretação: O discurso e o excesso de significação. 1976 ISBN: 9724406679
29. Ricoeur P, Rosa, JMS. O Pecado Original: Estudo de Significação. O conflito das interpretações. Ensaios de hermenêutica. 2008; 227-241.
30. Ricoeur P. Hermenêutica bíblica. Edicoes Loyola, 2006. ISBN: 9788515034239
31. Carvalho MDB, Valle ERM. A pesquisa fenomenológica e a enfermagem. Acta Scientiarum. Maringá. 2002; 24 (3): 843-847.
32. Morse J M. et al. Qualitative research methods for health professionals. 1995; p. 34. ISBN-13: 978-0803973275
33. Terra MG, Silva LC, Camponogara S, Santos EKA, Souza AIJ, Erdmann AL. Na trilha da fenomenologia: um caminho para a pesquisa em enfermagem. Texto Contexto Enferm, Florianoopolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 672-8. DOI: 10.1590/S0104-07072006000400016
34. Gonçalves R, Merighi MAB. Reflections on sexuality during the climacteric. Rev. Latino-am Enfermagem. 2009; 17(2):160-6. DOI: 10.1590/S0104-11692009000200004